

QUE INSTRUMENTO VOCÊ ENSINA?

Bernadete Zagonel¹

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 28 de dezembro de 2001)

Música pode ser feita de vários jeitos e em vários lugares. Seu resultado, evidentemente, será sempre variado. O que poucos sabem é da existência de uma parte do fazer musical que nem sempre é comercial ou costuma estar à venda: a que está nas Universidades. Aí é gerada tanto uma produção artística quanto bibliográfica pois, além de dar aulas, de produzir espetáculos, CDs, partituras, o professor universitário também faz pesquisa e escreve livros sobre os mais diferentes assuntos dentro da música. E é do que falaremos aqui.

É comum, ao dizer a alguém que sou professora de música, me perguntarem imediatamente: que instrumento você ensina? E sou obrigada a dizer: nenhum. Que decepção! E mais ainda, o que estaria eu fazendo numa Universidade? Como posso ter feito um Doutorado nessa área? As pessoas, não conformadas, insistem em saber como é que se pode ser professora de música sem ensinar um instrumento. Parece que música é só tocar, e mesmo assim, que não precisa ser estudada. Doce ilusão!

A gente tem que estudar muito, em qualquer das atividades musicais, quando se está na vida acadêmica. E como o ser humano gosta de classificar coisas, também na música isso foi feito. Ela foi dividida em 4 grandes áreas de estudo: práticas interpretativas, composição, musicologia e educação musical.

Chamamos de práticas interpretativas ou de performance a área que congrega os músicos que tocam instrumentos, os cantores e os maestros.

A atividade de composição, imagino, não requer grandes explicações. São os compositores em geral, que cria música instrumental, vocal, eletroacústica, com uso do computador ou não.

Já a musicologia, e acho que esta é uma das atividades menos conhecidas, se dedica a pesquisar a história da música, a vida dos compositores e suas obras, fazer análises de músicas, enfim, abarca um estudo mais teórico. É uma atividade importantíssima, e requer do profissional, conhecimentos muito aprofundados de música, pois é a partir do trabalho dos musicólogos que podemos descobrir como as diferentes músicas foram e são construídas, como elas aconteceram nas diversas épocas, quais as características musicais de cada compositor, como a música se expressa nas inúmeras culturas, e muito mais. Aliás, o estudo das músicas regionais, de folclore, de diferentes países e culturas, é feito pelos etnomusicólogos.

A área da educação musical aborda as metodologias de ensino de música, ou seja, como e o que se pode ensinar nas diferentes idades, em vários níveis, em lugares distintos. Muitos métodos e técnicas já foram criados, não só para se ensinar um instrumento em especial, mas principalmente para se trabalhar, simplesmente, a música, e tudo aquilo que a compõe.

Pois é, mas há também Mestrado e Doutorado em Música. Aqui no Brasil, temos 9 Programas de Pós-graduação em Música: em Porto Alegre (na UFRGS), São Paulo

¹ Bernadete Zagonel é professora titular da UFPR, chefe do Departamento de Artes. Doutora em música pela Sorbonne- Paris. bzagonel@humanas.ufpr.br.

(USP e UNESP), Campinas (UNICAMP), Rio de Janeiro (UFRJ e UNIRIO), Goiânia (UFG), Belo Horizonte (UFMG), Salvador (UFBA). Em breve, espero, poderemos abrir um aqui, na UFPR. Quando o indivíduo entra num curso de Mestrado ou Doutorado, ele escolhe a qual das 4 áreas vai se dedicar, conforme as ofertas dos programas.

Existem ainda associações musicais as mais diversas, como por exemplo: a ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música), a ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), a SBMC (Sociedade Brasileira de Música Contemporânea), a SBME (Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica), a Associação de Musicologia, a Associação de Clarinetistas, etc,etc., não vou enumerar a todas, ficaria longo e cansativo.

Para os pesquisadores da música da atualidade, há um grande Centro de Documentação da Música Contemporânea (CDMC), localizado na biblioteca da UNICAMP, onde são encontradas obras gravadas, partituras, comentários, biografias e outras publicações sobre a maioria dos compositores brasileiros e estrangeiros.

Não posso esquecer das entidades formadas por amantes da música, profissionais ou não, criadas para promover concertos e festivais, como as curitibanas Pró Música, ou Ellysium que, há muitos anos trazem para nossa cidade grandes nomes da música erudita nacional e internacional.

Como se pode perceber, a música não está apenas nas rádios e na mídia em geral. Está também onde se produz conhecimento. A produção de livros sobre música já é bastante importante, mesmo aqui no Brasil, muito embora nas livrarias comerciais ainda seja pequeno o espaço reservado a este tipo de material. Mas em algumas livrarias universitárias, pode-se encontrar um número expressivo destas publicações.

O desejável, na verdade, seria que todas as áreas se inter-relacionassem mais, pois acredito que a troca em muito poderia enriquecer a produção musical e intelectual em nosso país. Villa-Lobos talvez não tivesse tido tanto sucesso não fosse ter ido buscar no folclore, os temas para suas composições, às quais deu tratamento erudito. Assim também antigos roqueiros (só para lembrar os velhos tempos...) como Rick Wakeman, Emerson, Lake and Palmer, e muitos outros, até mesmo os Beatles, em muito engrandeceram suas produções ao integrar técnicas e repertório de uma música vinda da academia. Nesse sentido, hoje, parece que DJs e compositores de música eletroacústica estão começando a querer conversar. Quem sabe não surja daí um novo gênero a ser estudado?